

Turismo Social

Terra Indígena

São Marcos



Turismo Social
São Terra Indígena
São
Marcos

Boa Vista, agosto/2019



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO – CNC

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC

Diretor-Geral do Departamento Nacional
Carlos Artexes

DEPARTAMENTO REGIONAL EM RORAIMA

Presidência do Conselho Regional
Ademir dos Santos

Direção do Departamento Regional – Sesc
Lisiane Gassner Carnetti

PESQUISA, TEXTO E FOTOGRAFIAS
Cadu de Castro

MEDIADORA
Sabrina Viana

PUBLICAÇÃO

Projeto Gráfico
Rafael Oliveira

Comunidade Indígena Mangueira

Primeiro Tuxaua
João Alfredo

Segundo Tuxaua
Soraia Manduca Ramos

Coordenador de Atividades Turísticas
Alfredo Bernardo Pereira da Silva



Não é olhando no espelho que nos enxergamos, que vemos quem somos, mas quando nos deparamos com o OUTRO.

“A verdadeira viagem não está em sair à procura de novas paisagens, mas em possuir novos olhos”, escreveu Marcel Proust, propondo um outro olhar para o ato de viajar, em que se valoriza a vivência e se descortina a perspectiva de se **EDUCAR** por intermédio do turismo.

É com este pensamento que o **Sesc** desenvolveu roteiros em parceria com comunidades indígenas. Mais do que visitar lugares, a ideia é conhecer pessoas, seus saberes, seus fazeres, sua forma de interpretar e se portar no mundo.

Vivenciar uma cultura diferente da nossa, expande o nosso olhar para o mundo. Afinal, ao vivenciarmos e compreendermos os saberes, os fazeres, os valores e os hábitos de outra comunidade, distintos dos nossos, transformamos o nosso olhar e passamos a valorizá-los. Enfim, **EDUCAMO-NOS**.

E quanto mais sabemos do lugar que visitamos, quanto mais conhecemos da cultura local, melhor será a nossa experiência. Por isso, preparamos para você este caderno. Queremos compartilhar informações e, juntos, construirmos o conhecimento por intermédio desta atividade de turismo.

Portanto, propomos uma viagem que desperte os sentidos, numa experiência de troca e comunhão. E que, ao final, de espírito aberto, todos se transformem pelos conhecimentos adquiridos e pelas relações pessoais estabelecidas. Isto é “possuir novos olhos”. Isto é **EDUCAR-SE**.



Para a melhor

É preciso respeitar o ambiente e as pessoas do local. Seja cuidadoso com o lixo que produzir e não tire nada da natureza.

É preciso respeitar a cultura local, adequar-se às regras da comunidade e observá-las atentamente.



experiência



É preciso respeitar a cosmogonia, a fé e as histórias das comunidades, ainda que não compartilhe delas.

Antes de fotografar pessoas e lugares, converse e peça permissão. E caso seja negada, respeite, pois há lugares sagrados, e pessoas que não gostam de ser fotografadas.



B e m - v i n d o
À Terra Indígena
São
Marcos
P a c a r a i m a - R o r a i m a

A Terra Indígena São Marcos possui área de 654 mil ha, onde vivem em torno de 5.800 pessoas. Abriga as etnias Macuxi, Wapichana e Taurepang, das famílias Karib e Arwak.

A Terra Indígena é cortada pela BR-174, que liga Boa Vista a Pacaraima, divisa de Brasil com a Venezuela.

Boa parte de sua área é coberta pelo lavrado roraimense, entretanto, na região da Serra de Pacaraima, inicia a Floresta Equatorial ou Floresta Amazônica.



Por que o território é importante para os povos indígenas?

Os povos originários da região habitam o território há muitos séculos. Originalmente seminômades, circulavam pela região caçando, pescando, plantando e coletando para a subsistência, que é o modo tradicional de vida das comunidades da região. Assim sendo, a posse do território é fundamental para que os povos originários preservem parte importante de seus saberes e fazeres tradicionais.

Na comunidade Nova Esperança, há sítios históricos de grande relevância, nos quais são encontradas grandes rochas com inscrições rupestres em baixo relevo, produzidas por povos ancestrais, o que torna o lugar sagrado para aqueles que o habitam.

Outra razão bastante importante para a demarcação e homologação de territórios indígenas, é que estudos realizados apontam que as Terras Indígenas são as áreas que melhor conservam a floresta e a biodiversidade no país.



Vamos refletir? Qual a sua relação com o território que habita? Sente-se pertencente ao seu lugar?

Logo no início de sua viagem é importante fazer algumas reflexões. Qual a imagem que você tem do indígena? Como ela foi construída? Quais as suas experiências em comunidades indígenas? Onde aprendeu sobre os povos originários?

** Precisamos conhecer sobre o conceito antropológico de quem é o indígena. Segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio), "Identidade e pertencimento étnico não são conceitos estáticos, mas processos dinâmicos de construção individual e social. Dessa forma, não cabe ao Estado reconhecer quem é ou não indígena, mas garantir que sejam respeitados os processos individuais e sociais de construção e formação de identidades étnicas."*

Assim, o critério para a identificação se dá pela autodeclaração e consciência de sua identidade indígena; e pelo reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem.

Quem é o indígena?







As pessoas deixam de ser quem são?

É comum ouvirmos que o indígena já não é mais o mesmo, pois, faz uso de bens de consumo de nossa sociedade, como roupas, telefone celular, automóvel, etc. Pensando sobre o conceito de identidade apresentado, isto faz com que o indígena deixe de ser quem é?

Vamos refletir! A cultura é viva, está sempre em movimento. Nas sociedades urbanizadas as transformações são muito dinâmicas, pois as tecnologias, a comunicação e as interações sociais mudam rapidamente.

Não falamos como há 5 anos, visto que surgiram novas palavras e gírias; não comemos como há dois anos, em razão de novos produtos industrializados chegarem ao mercado de consumo e mudarem os nossos hábitos alimentares; não nos vestimos como há um ano, já que a moda mudou; portanto, por que esperamos que os indígenas se mantenham como há séculos?

Precisamos compreender a característica dinâmica das culturas, e que as variações são naturais e intensificadas a partir das relações interculturais.

Assim, as identidades não se perdem, mas se transformam o tempo todo.







Qual a sua cosmogonia?

Cosmogonia ou cosmovisão são as narrativas que explicam a criação e a ordem do universo, bem como o surgimento dos seres humanos, portanto, é elemento estrutural e estruturante da cultura de um povo.

Para os povos indígenas da Amazônia Caribenha, de tradição karib – especialmente os Macuxi, Taurepang e Ingarikó –, Makunaíma, filho de Wei, o Sol, forjou, num tempo antigo, o mundo como é hoje. Conforme revelam as tradições orais compartilhadas por esses grupos.

Foi Makunaíma que cortou a árvore da vida, o Wazacá, e de seu tronco se fez o Monte Roraima, lugar sagrado desses povos.

Para os Wapichana, no começo, o céu era perto da terra, e tudo falava. Tudo era magia.

No mundo original tudo era flexível, e a força para moldá-lo encontrava-se na palavra. Os artífices falavam e as coisas

eram feitas. No entanto, tudo agora está feito, portanto, a fala perdeu sua força produtiva.

Mas, os Wapichana acreditam que o princípio vital está no sangue, na respiração e na fala. Assim, a fala articulada é, aos olhos dos Wapichana, o que os faz humanos.

E você, qual é a sua cosmogonia? Como enxerga a origem do mundo? Ora, se há diversas formas de enxergar a criação e a ordem do universo, qual é a certa?

Fonte: Povos Indígenas no Brasil (ISA)

Quem compreende respeita

Sabendo o que é a cosmogonia e o quanto ela influencia todos os povos na compreensão do mundo, fica mais fácil assimilar a diversidade da fé, das relações simbólicas, dos valores e dos usos e costumes de outras sociedades.

Assim, quando compreendemos que uma paisagem que é apenas bonita para nós, pode ser um lugar sagrado para outro povo, passamos a dar outro valor a ela e a respeitá-la.

O que é mito e lenda para alguns, é o elemento de fé de outros, portanto, é muito importante sabermos que a “verdade” pode ser diversa e múltipla, e o respeito às crenças do outro é sempre fundamental aos viajantes, bem como a todas as pessoas.

Aos povos indígenas da Amazônia Caribenha a cristianização foi imposta desde o século XVIII, no entanto, ainda que professem a fé cristã, mantêm suas tradições ligadas à cosmogonia.

Assim, na visita às comunidades indígenas ouvirá muitas histórias sobre Macunaíma, Jurupari, Canaimé, e os espíritos da natureza.

Portanto, mergulhe com alma e desfrute desta viagem em todos os seus aspectos. A melhor forma de conhecer um povo é descobrindo sobre sua cosmogonia.

Lugares sagrados



Floresta e igarapés

Para os povos originários, toda a natureza é viva. Árvores, igarapés, cachoeiras, a terra, as pedras, tudo é vivo. Assim, os espíritos da natureza estão em todos os lugares e devem ser reverenciados e respeitados.

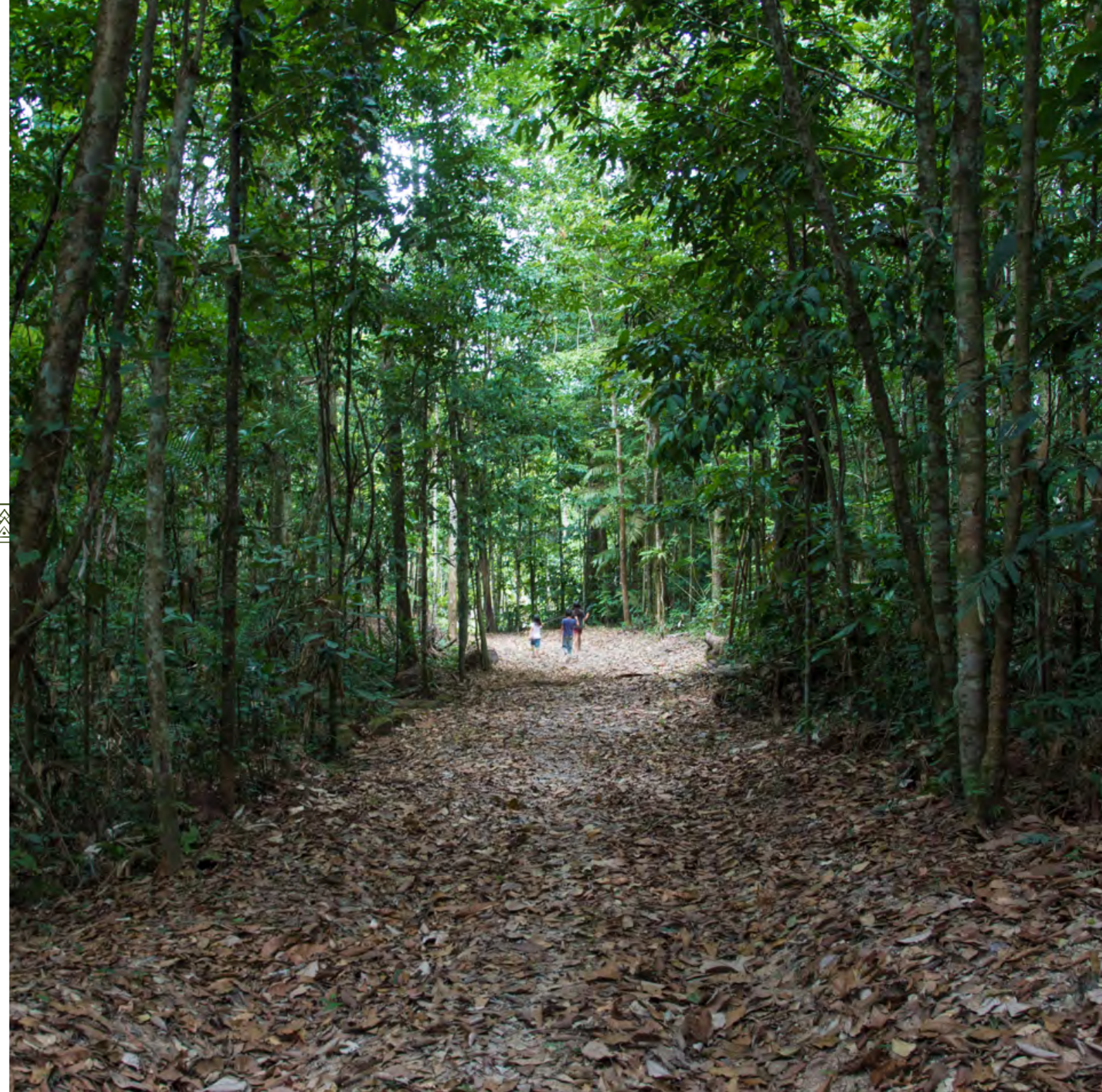
Estes seres fornecem a água e o alimento para o povo, e para que continuem a fazê-lo é preciso seguir e respeitar as tradições. Por exemplo, pessoas de luto e mulheres em ciclo menstrual não devem adentrar à floresta, pois é um desrespeito aos espíritos da natureza. Segundo os moradores locais, quando há alguém nestas condições, animais peçonhentos, como serpentes, ou predadores, como a onça, podem surgir e atacar.

Para o visitante de uma comunidade indígena, imergir nesse universo é uma maneira de intensificar e aprofundar a vivência. E, ainda que não compartilhe das mesmas crenças e relações simbólicas, respeitar é fundamental.

É interessante refletirmos sobre nós mesmos. Temos nossos lugares sagrados? Como nos sentimos quando alguém os desrespeita?



Saberes e fazeres



Medicina Tradicional

A medicina tradicional dos povos originários usa a natureza para curar. Segundo os pajés – palavra de origem tupi que designa os líderes espirituais –, a alimentação também é o remédio. Portanto, o tratamento de saúde tem início na cultura alimentar.

A tradição, ensinada de geração para geração, traz em si saberes seculares. É preciso conhecimento aprofundado sobre o uso das raízes, folhas, flores, frutos, bem como o preparo das infusões e dos unguentos, que curam diversos males, de uma simples gripe à picada de uma serpente peçonhenta.

A medicina tradicional dos povos originários é composta pelos medicamentos e por rezas e benzimentos. Para as doenças do corpo, as ervas, para os males do espírito, os rituais.

Segundo a pesquisadora Elaine de Moraes, que realizou um trabalho com as etnias Marubo, Canamari e Matis, na região Amazônica, 64,5% das pessoas pesquisadas comprovaram que a medicina tradicional indígena foi mais eficiente e eficaz que os remédios convencionais.

Hoje, muitos pesquisadores de universidades bebem na fonte do conhecimento dos povos indígenas para produzirem estudos sobre fitoterapia. Assim, cada vez mais, cresce o reconhecimento do poder da medicina tradicional indígena, ou “remédios do mato”, como forma de cura sem danos colaterais ou geração de dependência.

Para que são produzidos os remédios que você toma? Eles curam ou te fidelizam como clientes?



Retirando a casa da árvore – Nova Esperança



A farinha e o beiju

Quanto **custa** o quilo de farinha artesanal?
E o beiju?

Para se produzir a farinha de mandioca e o beiju – base alimentar dos povos indígenas do Brasil – é preciso diferentes saberes.

Antes de tudo, há de ter o conhecimento sobre o cultivo da mandioca. Quando plantar? Como plantar? Onde plantar?

Saber a época de plantio adequada é importante para a produção da mandioca, principalmente pela relação com a presença de umidade no solo, necessária para brotação das manivas e enraizamento. A falta de umidade durante os primeiros meses após o plantio causa perdas na brotação e na produção, enquanto o excesso, em solos mal drenados, favorece a podridão de raízes. O ideal é que se plante no início do período das chuvas.

É necessário também o conhecimento da época certa para colher as raízes. Colhida a mandioca, a família se reúne para descascá-la e ralá-la, ações que também demandam habilidades específicas. Então, leva-se a massa ralada ao tipiti, onde se retira todo o sumo para a produção do tucupi.

A massa seca é peneirada e torrada e da goma se faz o beiju. Farinha pronta, é base para quase todos os pratos.

A farinha é misturada até no suco de murici. Mas pense sobre quanto trabalho e saberes foram necessários para se chegar até o produto final. Portanto, sabendo disto, quanto **vale** para você um quilo de farinha artesanal?

Fonte: Embrapa

**Na cosmogonia dos povos da
Amazônia Caribenha, a mandioca
é uma entidade que permite que
quem a plante, a colha.**







Fecomércio RR



Sesc